



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS

SECÇÃO DE PORTUGUÊS

LICENCIATURA EM ENSINO DE PORTUGUÊS

PORTEFÓLIO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Lucinda Ernesto Bié

Maputo, 2025

Lucinda Ernesto Bié

PORTEFÓLIO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Portefólio apresentado á Faculdade de Letras e Ciências
Sociais, como um dos requisitos para a obtenção de grau
de Licenciatura em Ensino de Português

Prof. Dr. Etelvino Guila

Maputo, 2025

Declaração

Declaro que o presente trabalho de fim de curso é resultado da minha investigação pessoal, que todas as fontes estão devidamente referenciadas e que nunca foi apresentado para obtenção de qualquer grau nesta universidade ou qualquer instituição.

Assinatura

(Lucinda Ernesto Bié)

Lucinda Ernesto Bié

PORTEFÓLIO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Portefólio avaliado como requisito para obtenção
do grau de Licenciatura em Ensino de Português
pela Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Maputo, 21 de março de 2025

Prof. Dr. Etelvino Guila .

Prof. Dr. Victor Justino .

Prof. Dr. Francisco Vicente .

Dedicatória

Dedico este trabalho a mim mesma, pois foi com muita luta, perseverança e dedicação que cheguei até aqui. Cada desafio superado, cada obstáculo enfrentado, foi parte de uma jornada de crescimento pessoal e acadêmico. Agradeço-me pela coragem de seguir em frente e pela força para alcançar este importante objectivo. Esta conquista é resultado da minha determinação e esforço contínuo.

Aos meus pais, Ernesto Bié e Saugina Macuácuá Bié, que sempre estiveram ao meu lado, lutando para sustentar os meus estudos e proporcionando-me as condições necessárias para que eu pudesse chegar até aqui. Sem o apoio e sacrifício deles, nada disso seria possível.

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a Deus, pela força, sabedoria e paciência durante toda esta jornada. Agradeço também, aos meus pais, Ernesto Bié e Saugina Macuácuá Bié, aos meus irmãos, Eduardo Bié, Thompson Bié e Tchernenko Bié, pelo amor incondicional, apoio constante e por acreditarem em mim em todos os momentos.

Um agradecimento especial aos meus amigos Helton Siteo e Celina Jaha, que sempre estiveram ao meu lado, oferecendo amizade, compreensão e incentivo ao longo dessa formação.

E não posso deixar de agradecer ao meu grande amigo, Eleutério Machava, pelo apoio incansável, pela paciência e por sempre estar ao meu lado, tornando cada desafio mais leve. Sem o apoio de cada um de vocês, este momento não seria possível.

À todos, o meu mais sincero agradecimento!

Resumo

Este portefólio apresenta as reflexões e aprendizagens desenvolvidas durante o estágio pedagógico na Escola Secundária Mártires de Mbuzine. A análise aborda as condições da infraestrutura escolar, o funcionamento administrativo e os recursos pedagógicos, considerando sua influência na qualidade do ensino e no desenvolvimento dos alunos. Entre os aspetos examinados, destacam-se as limitações relacionadas à superlotação das salas de aula, à manutenção do espaço e ao abastecimento de energia, que impactam diretamente as atividades escolares. Também são discutidas as potencialidades e desafios associados aos recursos tecnológicos e à organização de espaços complementares, como a biblioteca e a sala de informática, no apoio ao processo de ensino-aprendizagem. A reflexão enfatiza a importância de práticas de gestão escolar que priorizem a mobilização comunitária e o planeamento estratégico para superar barreiras estruturais e promover um ambiente educativo mais inclusivo e eficaz. Ao longo do portefólio, evidenciam-se os esforços coletivos da comunidade escolar para mitigar limitações e construir condições que favoreçam a aprendizagem significativa e o desenvolvimento integral dos educandos. Este trabalho conclui que o aprimoramento contínuo do ambiente escolar exige uma articulação entre infraestrutura, gestão administrativa e práticas pedagógicas, fundamentando-se em valores que respeitem a dignidade dos alunos e favoreçam transformação social por meio da educação.

Palavras-chave:

Estágio pedagógico; escola; ensino-aprendizagem; recursos pedagógicos; planeamento estratégico.

Índice

1.	2	
2.	3	
2.1.	Condições físicas das salas de aula e infra-estrutura geral	3
2.2.	Funcionamento e Manutenção da Escola.....	4
2.3.	Recursos Pedagógicos e Tecnológicos	5
2.4.	Organização Administrativa e Gestão Escolar	6
3.	6	
4.	9	
5.	11	
6.	13	
7.	15	
8.	16	

1. INTRODUÇÃO

O ensino da Língua Portuguesa em Moçambique enfrenta diversos desafios, sobretudo no que se refere à planificação, mediação e avaliação das aprendizagens. O estagio supervisionado, enquanto etapa fundamental da formação docente, proporcionou um espaço privilegiado de experimentação e reflexão crítica sobre esses processos, permitindo compreender de forma mais concreta como as decisões pedagógicas influenciam o desenvolvimento dos alunos.

O presente trabalho tem como objectivo analisar as práticas pedagógicas vivenciadas durante o estágio, destacando os aspectos positivos, os desafios enfrentados e as estratégias adoptadas para a promoção de aprendizagens significativa. Com base em referenciais teóricos e evidências recolhidas ao longo da experiência, procura-se reflectir sobre o impacto da planificação cuidadosa, das metodologias utilizadas e dos instrumentos de avaliação aplicados. A estrutura do portefólio encontra-se organizada em secções que documentam o percurso formativo ao longo do estagio: inicialmente, apresenta-se a contextualização da escola e da turma observada; em seguida, descrevem-se as planificações elaboradas, as estratégias de mediação implementadas e os métodos de avaliação utilizados; por fim, são anexadas evidências das práticas realizadas, como registos de actividades, instrumentos avaliativos e reflexões críticas. Deste modo, este portefólio constitui-se como um instrumento de análise e aperfeiçoamento das práticas pedagógicas, articula do teoria e prática numa perspectiva de desenvolvimento profissional contínuo.

2. REFLEXÃO SOBRE A ESCOLA

A escola, enquanto espaço de construção de saberes e formação cidadã, desempenha um papel fundamental no desenvolvimento integral dos estudantes. De acordo com Freire (1996), ensinar não deve ser entendido como mera transmissão de conteúdos, mas como um processo que cria possibilidades para a produção e construção do conhecimento. Assim, compreendemos que a escola deve constituir-se como um ambiente de diálogo, escuta e transformação, onde todos os actores educativos participam activamente na construção do saber.

Durante o estágio realizado na Escola Secundária Mártires de Mbuzine, ao longo de aproximadamente três meses¹, tivemos a oportunidade de observar, de forma crítica, a dinâmica institucional e os factores que influenciam directamente o processo de ensino e aprendizagem (PEA). Essa experiência proporcionou-nos uma compreensão mais aprofundada das condições reais do ambiente escolar, desafiando-nos a reflectir sobre o papel do professor nesse contexto.

Com base nas observações feitas durante o estágio e apoiando-nos em referenciais teóricos pertinentes, propomo-nos a reflectir, sobre quatro aspectos principais: as condições físicas das salas de aula e a infra-estrutura geral da escola; o funcionamento e a manutenção da instituição; os recursos pedagógicos e tecnológicos disponíveis; e a organização administrativa e a gestão escolar.

2.1. Condições físicas das salas de aula e infra-estrutura geral

A Escola Secundária Mártires de Mbuzine apresenta uma infra-estrutura composta por 18 salas de aula, cada uma equipada com aproximadamente 25 carteiras, um quadro duplo e uma vitrine. Conta ainda com uma sala de informática contendo 20 computadores, três laboratórios, uma biblioteca, campo multiuso e espaços administrativos. No entanto, a observação directa permitiu-nos constatar que, apesar da existência de recursos estruturais mínimos, nem sempre as condições físicas das salas favorecem uma aprendizagem efectiva.

As constantes interrupções no fornecimento de energia eléctrica comprometem a iluminação das salas, dificultando o trabalho docente e a concentração dos alunos. A este respeito, Freire (1996) lembra que a aprendizagem ocorre melhor em espaços que respeitam a dignidade do educando, garantindo condições básicas como conforto e segurança. Concordamos que, quando essas condições são precárias, o processo de ensino-aprendizagem tende a ser afectado negativamente.

¹ Ver anexo a. e b.

Segundo Arroyo (2007), um ambiente escolar adequado deve possibilitar a interacção eficaz entre professores e estudantes, criando um espaço favorável ao diálogo e à construção do conhecimento. Refletindo sobre a realidade observada, compreendemos que, embora a estrutura básica esteja presente, a ausência de recursos complementares como iluminação constante, ventilação apropriada e mobiliário em bom estado interfere na qualidade das aulas e na motivação dos alunos. Neste sentido, consideramos que a escola precisa investir em melhorias estruturais e garantir o funcionamento regular dos serviços essenciais, como energia eléctrica. Como salienta Nóvoa (2009), a qualidade do ambiente escolar está directamente ligada ao planeamento estratégico que envolve a comunidade e a gestão da escola. Reforçamos, assim, a necessidade de uma articulação mais eficaz entre os diferentes actores da escola para garantir um ambiente de aprendizagem condigno.

2.2. Funcionamento e Manutenção da Escola

Ao longo do estágio, foi possível observar que o funcionamento da Escola Secundária Mártires de Mbuzine enfrenta diversos desafios, sobretudo no que diz respeito à manutenção dos serviços essenciais. As frequentes falhas no fornecimento de água e energia eléctrica revelaram-se como obstáculos significativos ao normal funcionamento das actividades escolares, afectando desde a iluminação das salas até a realização de aulas práticas.

Pacheco (2011, p. 92) afirma que “uma gestão eficiente deve focar não só na parte pedagógica, mas também na organização dos recursos e na manutenção dos serviços essenciais da escola, como energia, água e limpeza”. À luz desta afirmação, consideramos que a escola ainda precisa reforçar sua capacidade de planificação e gestão para garantir condições básicas ao funcionamento diário. A escassez de funcionários de limpeza, por exemplo, levou à redistribuição de tarefas entre os funcionários administrativos, o que representa um esforço de adaptação, mas também revela fragilidades na gestão de recursos humanos.

Nóvoa (2009) defende que uma gestão escolar eficiente depende de uma estratégia bem delineada e de uma comunicação clara entre os diferentes sectores. Ao reflectirmos sobre o que foi vivenciado na escola, compreendemos que o funcionamento eficaz da instituição exige mais do que boa vontade: requer planeamento, investimento e envolvimento da comunidade escolar na busca de soluções sustentáveis.

Freire (1996, p. 72) sublinha que “o espaço escolar deve garantir condições dignas para o desenvolvimento dos alunos”, o que nos leva a reforçar que a manutenção de serviços básicos não é um detalhe técnico, mas um direito que assegura a equidade no acesso ao conhecimento. Assim, é imprescindível que a gestão escolar invista em mecanismos de prevenção e resolução rápida de problemas, para que o processo de ensino-aprendizagem não seja sistematicamente interrompido por falhas estruturais.

2.3. Recursos Pedagógicos e Tecnológicos

Durante o estágio, tivemos a oportunidade de analisar os recursos pedagógicos e tecnológicos disponíveis na Escola Secundária Mártires de Mbuzine, reconhecendo tanto os seus méritos quanto as suas limitações. A biblioteca da escola, com capacidade para cerca de 60 alunos, constitui-se como um espaço fundamental de apoio ao processo de ensino e aprendizagem (PEA). No entanto, o número elevado de estudantes evidencia a limitação deste espaço, tornando o acesso aos recursos disponíveis desigual e, por vezes, insuficiente.

Arroyo (2007) considera que a biblioteca escolar deve ser vista como uma extensão da sala de aula e um espaço de exercício da autonomia intelectual. Partilhamos dessa visão e reconhecemos que, embora a biblioteca da escola seja um recurso valioso, é necessário expandir o seu acervo e melhorar as condições de acesso para que cumpra plenamente a sua função formativa.

No que diz respeito aos recursos tecnológicos, destacamos a existência de uma sala de informática equipada com 20 computadores. Embora este número represente um avanço em relação a outras instituições com menos recursos, torna-se evidente que a capacidade da sala é insuficiente para atender à grande demanda de alunos. Essa limitação compromete o princípio de equidade, já que nem todos os estudantes conseguem usufruir igualmente dessas ferramentas.

Freire (1996, p. 98) afirma que “a tecnologia deve ser um meio de democratização do conhecimento e não um factor de exclusão”. Com base nesta perspectiva, compreendemos que a simples presença de recursos tecnológicos não garante o acesso ao conhecimento, sendo necessário que estes sejam disponibilizados de forma justa e utilizados pedagogicamente com intencionalidade crítica.

Além disso, como salienta Pacheco (2011), a integração eficaz das tecnologias na escola requer práticas pedagógicas que fomentem o pensamento crítico e a colaboração. Reflectindo sobre a

experiência no estágio, percebemos que a tecnologia, quando bem utilizada, pode ampliar horizontes de aprendizagem. No entanto, o seu uso ainda se mostra tímido e limitado por factores como a falta de formação contínua dos professores e as condições técnicas precárias.

Assim, reforçamos que o investimento em recursos pedagógicos e tecnológicos deve ser acompanhado de estratégias de formação e planeamento pedagógico, a fim de garantir um uso significativo desses instrumentos no contexto educativo.

2.4. Organização Administrativa e Gestão Escolar

Durante o estágio, deparámo-nos com uma estrutura organizacional que, embora aparente estar bem segmentada, enfrenta limitações significativas no seu funcionamento. A Escola Secundária Mártires de Mbuzine possui dois gabinetes pedagógicos, um para o primeiro ciclo e outro para o segundo ciclo, além do gabinete do director e do chefe da secretaria. Essa divisão demonstra uma tentativa de distribuir responsabilidades de forma funcional. Contudo, a escassez de pessoal administrativo e técnico compromete a eficácia das operações diárias da instituição.

Refletindo sobre essa realidade, compreendemos que a gestão escolar não pode restringir-se à divisão formal de tarefas; ela deve assegurar que os recursos humanos e materiais estejam adequadamente alinhados com os objectivos pedagógicos. Nóvoa (2009) defende que uma gestão eficaz requer um planeamento estratégico participativo, no qual a comunidade escolar se envolva activamente na construção de soluções. A ausência desse envolvimento profundo ficou patente em vários momentos do estágio, sobretudo diante de dificuldades logísticas que se prolongavam por falta de coordenação e resposta imediata.

Freire (1996) sublinha que a escola deve promover um ambiente democrático, no qual todos os actores tenham voz activa na tomada de decisões. Partilhamos dessa concepção e, durante o estágio, percebemos que, embora exista alguma tentativa de colaboração entre os sectores, a comunicação interna nem sempre se mostra eficaz. Isso prejudica o fluxo de informação e a resolução célere de problemas que impactam directamente o processo de ensino e aprendizagem.

3. REFLEXÃO SOBRE OS PROCESSOS DE PLANIFICAÇÃO

De acordo com Nóvoa (1992), a planificação é o momento em que o professor reflecte sobre o seu papel como mediador da aprendizagem e construtor de estratégias didácticas. Ela permite antecipar

problemas, propor soluções e assegurar que o processo educativo não se baseie no improviso, e sim, em acções fundamentadas. Essa perspectiva esteve presente no estágio, onde cada plano de aula era cuidadosamente estruturado com base na dosificação fornecida pela escola, mas sempre considerando as especificidades da turma.

Antunes (2009) destaca que a planificação deve estar alinhada com o contexto dos alunos, para que o ensino da língua, seja relevante e promova a competência comunicativa em situações reais. No estágio, isso foi aplicado ao inserir temáticas que reflectiam o quotidiano dos alunos. Nóvoa (1992) defende que a planificação permite que o professor assumira uma postura reflexiva, antecipando possíveis dificuldades e propondo soluções práticas.

No contexto do estágio, essa importância foi evidenciada ao trabalhar actividades que exigiam uma sequência lógica, como a leitura e análise de textos. A planificação estruturada garantiu que os alunos compreendessem o tema progressivamente, enquanto actividades complementares ajudaram a consolidar a aprendizagem. Assim, tornou-se claro que uma aula sem planeamento prévio corre o risco de ser desorganizada e pouco efectiva.

A planificação é essencial, mas deve ser encarada como um guia flexível. E no estágio, houve situações em que as actividades planificadas precisaram ser adaptadas para atender ao interesse ou à dificuldade dos alunos, prática alinhada à visão de Pacheco (2007), que defende uma abordagem dinâmica na educação, em que o professor seja capaz de ajustar-se às demandas do momento.

Embora a planificação seja um guia, a sua flexibilidade é crucial. Pacheco (2007) argumenta que o professor deve adaptar-se às demandas da sala de aula, transformando imprevistos em oportunidades de ensino. E na prática, houve momentos em que as actividades previstas precisaram ser ajustadas. Numa aula sobre palavras compostas², por exemplo, os alunos foram desafiados a formar palavras compostas a partir de uma lista de palavras simples escritas no quadro. No entanto, observou-se que muitos deles não conseguiram compreender a proposta da actividade, logo de primeira. E para tornar a actividade mais acessível, foi necessário fornecer um exemplo prático antes de os alunos iniciarem a actividade, a professora seleccionou as palavras “alto”, “manga”, “plano” e “rosa” e compôs duas palavras, por aglutinação “planalto” e por justaposição “manga-

²Ver apêndice A.

rosa”. E percebemos que a exemplificação facilitou a assimilação dos conceitos, permitindo que os alunos aplicassem correctamente as regras na composição de palavras.

Durante o estágio, a planificação diária foi uma prática constante, orientando cada aula com base nos objectivos definidos. No entanto, não houve a possibilidade de elaborar um plano quinzenal, o que trouxe algumas consequências para a organização do PEA.

A ausência da planificação quinzenal limitou a visão ampla sobre a progressão dos conteúdos, tornando o ensino mais fragmentado e dificultando a articulação entre as diferentes temáticas. A falta desse referencial a médio prazo resultou em momentos de repetição ou aprofundamento desigual de determinados tópicos, exigindo maior esforço para garantir uma continuidade eficaz. Um plano quinzenal permitiria maior coerência e sequência entre as aulas, evitando lacunas no aprendizado e possibilitando um melhor acompanhamento da evolução dos alunos.

Por outro lado, a planificação diária possibilitou maior flexibilidade no ensino. A cada aula, foi possível avaliar o nível de compreensão dos alunos e fazer adaptações conforme necessário. Essa abordagem está alinhada à visão de Pacheco (2007), que destaca a importância de um ensino dinâmico, ajustado às necessidades dos estudantes. No estágio, essa flexibilidade foi essencial para lidar com imprevistos, como dificuldades inesperadas dos alunos, (como citamos anteriormente) ou a falta de materiais didáticos, permitindo ajustes imediatos para garantir a continuidade da aprendizagem.

Entre as vantagens da planificação diária, destaca-se a possibilidade de responder rapidamente às dificuldades dos alunos, adaptando metodologias e conteúdos conforme o andamento das aulas. Além disso, essa abordagem favoreceu um ensino mais próximo da realidade da turma, pois foi possível inserir actividades que reflectiam as experiências e os interesses dos alunos. No entanto, a desvantagem principal foi a falta de um referencial mais amplo, que garantisse uma sequência lógica e progressiva do ensino ao longo de um período maior. Isso ficou evidente em situações em que os alunos demonstraram dificuldade em conectar conceitos trabalhados em diferentes momentos, pois a ausência de um plano mais abrangente dificultava a consolidação dos conteúdos de forma estruturada.

Se a planificação quinzenal tivesse sido feita, no estágio, teria oferecido um direccionamento mais claro para o ensino, permitindo uma melhor distribuição dos conteúdos e a definição de estratégias

de ensino com antecedência. Além disso, possibilitaria uma maior integração entre as diferentes aulas, favorecendo um ensino mais estruturado e menos dependente de ajustes diários. Essa abordagem também facilitaria a avaliação do progresso dos alunos, pois permitiria uma visão mais ampla do desenvolvimento de competências ao longo de um período maior. No entanto, sua ausência demonstrou que, mesmo sem um plano quinzenal formalizado, foi possível estruturar as aulas de maneira organizada por meio da planificação diária, que se mostrou uma ferramenta valiosa para a adaptação às realidades da sala de aula.

A experiência do estágio evidenciou que ambas as formas de planificação possuem seu valor e impacto no PEA. A planificação diária mostrou-se fundamental para garantir flexibilidade e adaptação às necessidades dos alunos, enquanto a ausência de uma planificação quinzenal expôs desafios na organização e continuidade dos conteúdos. Assim, torna-se evidente a necessidade de um equilíbrio entre essas abordagens, garantindo que o ensino seja ao mesmo tempo estruturado e dinâmico. A planificação, portanto, não deve ser vista apenas como uma formalidade burocrática, mas como uma ferramenta essencial para assegurar um ensino eficaz, reflexivo e alinhado às reais condições da sala de aula.

4. REFLEXÃO SOBREA MEDIAÇÃO DA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA

A mediação da aprendizagem representa uma estratégia educacional fundamentada na interação dinâmica entre o mediador (professor) e o aprendiz (aluno), visando fomentar o progresso cognitivo, social e emocional dos alunos. A mediação exige uma postura pedagógica que valorize

as interações entre alunos, professores e o conhecimento, promovendo o engajamento crítico no processo educacional.

Vygotsky (1978) argumenta que a aprendizagem ocorre em um contexto social e depende da mediação de um outro mais experiente, que auxilia o aprendiz a desenvolver habilidades cognitivas superiores. Segundo o autor, o professor deve actuar como mediador do conhecimento, criando oportunidades para que os alunos interajam e construam significados de forma colaborativa. Esse conceito traduz-se na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que evidencia a importância do suporte pedagógico para que os alunos superem desafios e avancem em seu aprendizado.

Segundo Feuerstein (1980), a mediação da aprendizagem vai além da simples transmissão de conteúdos. Ele propõe a Teoria da Modificabilidade Cognitiva Estrutural, na qual o professor como mediador de conhecimento tem um papel activo em estimular processos de pensamento que levam a mudanças cognitivas duradouras. O professor, nesse contexto, não fornece apenas informações, mas ajuda os alunos a desenvolverem estratégias para aprender de maneira autónoma e crítica, promovendo uma aprendizagem significativa e transformadora. Na prática, foi fornecido aos alunos, exercícios para testar os seus conhecimentos sobre complemento directo e predicativo de sujeito. E constatamos que 70% dos alunos, não sabia distinguir essas duas funções sintáticas em orações. Mas após a mediação, os alunos mostraram resultados diferentes e mais consistentes. (como ilustra o anexo c.)

O papel do professor como mediador cultural é, sem dúvidas, essencial em um ambiente educacional que valorize a diversidade. Contudo, a prática muitas vezes esbarra em um sistema que opera de forma meritocrática, com currículos unificados e avaliações padronizadas que ignoram as especificidades culturais e linguísticas dos alunos. Como o professor pode ser mediador cultural se o sistema o avalia apenas pelo desempenho académico em português, frequentemente segunda língua dos alunos?

Embora seja amplamente aceito que a diversidade pode enriquecer o Processo de Ensino-Aprendizagem, ela também apresenta desafios reais em ambientes com falta de infraestrutura e recursos (como é o caso da Escola Secundária Mártires de Mbuzine). A inclusão de línguas maternas no ensino, por exemplo, demanda não apenas professores qualificados, mas também políticas que reconheçam e normatizem essa prática. Sem esse suporte, a diversidade corre o risco de ser vista como um obstáculo, perpetuando desigualdades educacionais e culturais.

Freire (1996) reforça essa ideia ao afirmar que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (p. 47). A mediação, segundo Freire, deve ser dialógica, possibilitando que os alunos se tornem protagonistas do processo de aprendizagem, rompendo com práticas tradicionais que limitam sua capacidade crítica e criativa.

Antunes (2009), por sua vez, propõe que a mediação no ensino de línguas deve focar no desenvolvimento da competência comunicativa, ou seja, na capacidade do aluno de usar a língua de forma efectiva em diferentes contextos. O aprendizado da língua não pode ser descontextualizado; ele deve envolver situações reais de comunicação que desafiem o aluno a compreender e a produzir sentidos. Essa abordagem implica a utilização de recursos como debates, análises de textos e actividades interativas que aproximem os conteúdos da prática quotidiana dos alunos.

A mediação da aprendizagem da língua vai além da simples transmissão de conhecimento; ela envolve a criação de um ambiente interativo, reflexivo e inclusivo, no qual os alunos possam desenvolver suas habilidades comunicativas e cognitivas de forma significativa. No contexto educacional, especialmente em cenários de diversidade linguística e cultural, é fundamental que o ensino valorize a participação activa dos estudantes, promovendo o diálogo e a construção colaborativa do conhecimento. Para isso, é essencial que professores disponham de recursos, estratégias e suporte institucional que permitam adaptar o ensino à realidade dos alunos, tornando a aprendizagem mais eficaz, crítica e transformadora.

5. REFLEXÃO SOBRE OS PROCESSOS DE AVALIAÇÃO

O instrumento de avaliação da aprendizagem é o que liga o processo de ensino à aquisição de conhecimento. É crucial estabelecer um procedimento de avaliação pedagógica adequado para avaliar e diagnosticar de maneira eficaz o rendimento dos alunos.

A avaliação das aprendizagens desempenha um papel central no processo educativo, pois permite acompanhar o progresso dos alunos e reorientar práticas pedagógicas. Os processos de avaliação implementados durante o estágio apresentaram aspectos positivos, mas também expuseram limitações que merecem atenção.

Um dos principais pontos positivos foi a diversificação dos instrumentos avaliativos. A utilização de métodos como a avaliação formativa, debates, resumos de notícias locais e diários reflexivos proporcionou uma compreensão mais ampla do desempenho dos alunos. Essas práticas permitiram não apenas identificar o progresso académico, mas também estimular o engajamento dos estudantes, valorizando a aplicação prática dos conteúdos. O alinhamento entre os objectivos de aprendizagem e as actividades avaliativas também se mostrou eficaz, assegurando que os instrumentos aplicados reflectissem as metas pedagógicas planeadas.

Entretanto, alguns desafios ficaram evidentes. Um deles foi a dificuldade em adaptar os instrumentos de avaliação à realidade cultural e linguística dos alunos. Em um contexto como o nosso, com sua diversidade linguística, nem todos os alunos conseguiram compreender plenamente as instruções ou se expressar com clareza, especialmente em actividades que exigiam um domínio avançado da Língua Portuguesa, como composições³. Essa limitação destacou a necessidade de maior atenção na planificação das avaliações. Mas nem todos alunos tiveram muitas dificuldades nas actividades. (como ilustra o anexo e)

Outro ponto crítico foi a dependência de recursos limitados. A ausência de materiais didácticos suficientes dificultou a criação de avaliações mais elaboradas e individualizadas. (o apêndice b mostra uma avaliação elaborada por nós). Muitas vezes, foi necessário agrupar alunos para realizar actividades avaliativas, o que, embora promovesse a colaboração, também diluía a capacidade de medir o progresso individual de cada estudante.

A avaliação deve ser formativa, contínua e integrada ao contexto do aluno, funcionando como um meio para ajustar os processos de ensino às necessidades do aprendiz, e não como um fim em si mesma. Durante o estágio, essa abordagem foi aplicada ao priorizar actividades como debates e

³Ver anexo d

trabalhos em grupo, que permitiram observar o progresso dos alunos de forma contínua, mesmo em condições limitadas.

Por outro lado, as estratégias utilizadas demonstraram criatividade na superação de adversidades. A organização de debates e a introdução de jogos educativos, por exemplo, revelaram-se eficazes para engajar os alunos e avaliar competências de maneira prática e dinâmica. Esses métodos possibilitaram uma avaliação mais humanizada e próxima da realidade dos estudantes, em consonância com os princípios defendidos por Luckesi (1998), que destaca a importância de uma avaliação que não puna, mas que contribua para o crescimento do aluno, respeitando seu contexto e suas necessidades.

Dessa forma, compreendemos que a avaliação não deve ser pensada como um fim, mas como um meio de promover aprendizagens significativas. A experiência do estágio reforçou em nós a necessidade de adotar instrumentos diversificados, que respeitem o ritmo e as particularidades dos alunos, tornando a avaliação um processo contínuo, formativo e transformador.

Freire defende uma avaliação dialógica, que valorize a relação entre o educador e o educando. E afirma que “avaliar não é medir, mas desafiar o aluno a refletir sobre sua própria aprendizagem e a transformar seu saber” (Freire, 1996, p. 67). Essa perspectiva influenciou as práticas avaliativas no estágio ao incluir momentos de feedback coletivo, nos quais os alunos discutiam os resultados das atividades e refletiam sobre suas dificuldades e conquistas.

Apesar das limitações enfrentadas, os avanços realizados na planificação e execução das avaliações foram significativos. As experiências acumuladas durante o estágio evidenciam a necessidade de um equilíbrio entre inovação e adaptação às condições reais do ambiente escolar, reforçando o compromisso com uma prática avaliativa inclusiva, reflexiva e transformadora.

6. REFLEXÃO SOBRE AS APRENDIZAGENS CONSTRUIDAS

O estágio supervisionado representa um marco essencial na formação docente, pois possibilita a transição da teoria para a prática e a construção de uma identidade profissional fundamentada na reflexão e na experiência. Este período não se resume apenas à aplicação de metodologias

pedagógicas previamente estudadas, mas também à constante adaptação às realidades da sala de aula, exigindo do professor estagiário flexibilidade, criatividade e sensibilidade para compreender o contexto educacional em que está inserido.

A construção da identidade docente durante o estágio acontece no diálogo entre a teoria e a prática. Como argumenta Schön (1992), a prática reflexiva é um dos pilares da formação docente, pois permite que o professor analise criticamente suas ações e ajuste suas estratégias conforme a necessidade. Nesse sentido, cada aula se transforma em um espaço de experimentação, onde diferentes abordagens são testadas e reavaliadas a partir das respostas dos alunos. Durante o estágio, foi possível perceber que a aprendizagem dos alunos não depende apenas da transmissão de conteúdos, mas também de um ambiente propício ao aprendizado, onde a mediação pedagógica é essencial.

A teoria de Vygotsky (1984) sobre a zona de desenvolvimento proximal também se mostrou evidente na prática. A interação entre professor e alunos revelou-se fundamental para impulsionar a aprendizagem, especialmente em atividades que exigiam a participação ativa dos alunos. O estágio permitiu observar como a colaboração entre os alunos e o suporte do professor foram determinantes para que eles conseguissem avançar no domínio dos conteúdos. Além disso, ao planificar atividades diferenciadas para atender às necessidades dos alunos, foi possível perceber como o ensino se torna mais significativo quando leva em consideração os conhecimentos prévios dos alunos e os insere em um contexto dinâmico de aprendizagem.

Outro aspecto central, foi a necessidade de adaptação constante. O que funciona em teoria pode não ser aplicável na prática sem ajustes. Durante a experiência, desafios como a falta de materiais didáticos, a heterogeneidade dos alunos e as dificuldades linguísticas exigiram soluções criativas e flexíveis. Como argumenta Perrenoud (1999), o professor reflexivo deve ser capaz de analisar criticamente sua prática e modificar suas estratégias sempre que necessário, considerando o contexto e as especificidades dos alunos. A implementação de atividades interativas, o uso de recursos alternativos e a diversificação das metodologias foram algumas das estratégias adotadas para contornar essas dificuldades e garantir uma aprendizagem mais eficaz.

Além disso, o estágio proporcionou uma compreensão mais profunda do papel do professor na mediação do conhecimento. Como destaca Freire (1996), ensinar não é apenas transferir

conhecimento, mas criar condições para que os alunos construam seu próprio saber. Durante as aulas, percebeu-se que os momentos mais produtivos foram aqueles em que os alunos participaram activamente do PEA, seja por meio de debates, actividades colaborativas ou reflexões sobre o conteúdo estudado. Essa experiência reforçou a importância de promover um ensino dialógico, onde o aluno tem voz e espaço para construir seu aprendizado.

No que se refere ao crescimento profissional, o estágio também foi um exercício de autoconhecimento e aprimoramento de competências pedagógicas. A necessidade de planeamento detalhado das aulas, a gestão do tempo e a interação com os alunos permitiram desenvolver habilidades essenciais para a prática docente, como a capacidade de adaptação, a empatia e a gestão da sala de aula. A troca de experiências com o professor supervisor e com outros colegas também contribuiu significativamente para a ampliação da visão sobre o ensino, reforçando a ideia de que a formação docente é um processo contínuo, que se constrói na interação e na reflexão sobre a prática.

Em conclusão, as aprendizagens construídas durante o estágio foram fundamentais para consolidar uma visão mais realista e crítica sobre o ensino. A experiência demonstrou que ser professor vai muito além do domínio dos conteúdos; exige sensibilidade, reflexão e a capacidade de transformar desafios em oportunidades de aprendizado. O estágio supervisionado, portanto, não apenas fortaleceu a relação entre teoria e prática, mas também consolidou a percepção de que a docência é um processo em constante construção, onde cada desafio enfrentado contribui para o crescimento e aprimoramento da identidade docente.

7. CONCLUSÃO

A experiência do estágio supervisionado revelou a complexidade e a importância dos processos de planificação, mediação e avaliação no ensino da língua portuguesa. A prática docente demonstrou que a planificação não deve ser encarada apenas como uma exigência burocrática, mas como um instrumento essencial para organizar e orientar o ensino, garantindo coerência na abordagem dos conteúdos e favorecendo a aprendizagem progressiva dos alunos. No entanto, a ausência de um

plano quinzenal evidenciou desafios na articulação entre os objectivos de longo prazo e a implementação diária das aulas, reforçando a necessidade de um planeamento mais estruturado e contínuo.

A mediação pedagógica mostrou-se um aspecto crucial para tornar o ensino dinâmico e significativo, exigindo do professor não apenas conhecimento teórico, mas também sensibilidade para adaptar as metodologias à realidade dos alunos. O uso de diferentes estratégias de ensino, como debates, leitura de textos autênticos e produção escrita, permitiu criar um ambiente de aprendizagem mais participativo e reflexivo, ainda que os desafios relacionados à diversidade linguística e à escassez de materiais tenham exigido adaptações constantes.

A avaliação, por sua vez, demonstrou-se uma ferramenta indispensável para acompanhar o progresso dos alunos e reorientar as práticas pedagógicas. A utilização de instrumentos variados, como exercícios escritos, fichas de actividades e debates, possibilitou uma compreensão mais ampla do desempenho dos estudantes, contribuindo para um ensino mais inclusivo e centrado nas suas necessidades reais.

Dessa forma, o estágio proporcionou não apenas a aplicação dos conhecimentos adquiridos ao longo da formação docente, mas também a construção de uma prática reflexiva e crítica. A experiência evidenciou que ensinar vai além da transmissão de conteúdos; exige planeamento cuidadoso, mediação eficiente e avaliação contínua. Mais do que um espaço de aplicação de métodos pedagógicos, o estágio foi um processo de aprendizagem mútua, no qual o docente em formação também evolui e aprimora suas competências profissionais. Assim, reforça-se a importância de uma prática docente que una teoria e realidade, garantindo um ensino mais eficaz e alinhado às necessidades do contexto educacional moçambicano.

8. REFERÊNCIAS

Antunes, I. (2009). *Muito Além da Gramática: Por um Ensino de Língua que Priorize a Textualidade*. Parábola Editorial.

Arroyo, M. (2007). *Educação: O que é e para que serve*. Editora Cortez.

Feuerstein, R. (1980). *Enriquecimento instrumental: Um programa de intervenção para a modificabilidade cognitiva*. Editora Universidade de São Paulo.

- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Paz e Terra.
- Luckesi, C. C. (1998). *Avaliação da aprendizagem escolar: Estudos e proposições*. São Paulo: Cortez.
- Nóvoa, A. (2009). *A formação de professores: a identidade profissional do professor*. Porto Editora.
- Pacheco, J. (2007). *Escola inclusiva: Um desafio para todos*. Porto: Edições Afrontamento.
- Perrenoud, P. (1999). *Construir as competências: Trabalhar e aprender com os outros*. Editora Artmed.
- Schön, D. A. (1992). *A reflexão na ação*. Editora Vozes
- Vygotsky, L. S. (1984). *A Formação Social da Mente*. Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S. (1978). *A mente na sociedade: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Editora Martins Fontes.

Apêndices e anexos

Apêndice A.

Escola Secundária Mártires de Muzine

Data:06. 09.2024

Tipo de aula: aprofundamento

Duração: 90 minutos

10 classe

Unidade Temática: textos Administrativos

Objectivos específicos: até ao final desta aula, o aluno deverá ser capaz de:

- Identificar palavras compostas;
- Distinguir os tipos de composição de palavras;
- Compor palavras e elaborar frases usando palavras compostas.

Tempo	Função didáctica	Conteúdos			Sugestões metodológicas	Sugestões de material
			Professor	Aluno		
10 min	Introdução e motivação	Saudação aos alunos; Controlo da assiduidade e	-Saúda a turma; - Faz a chamada; Orienta um breve dialogo, dando a entender que os alunos serão “detetives linguísticos”.	- Saúda a professora; - Responde a chamada; Presta atenção, deixando ficar suas contribuições .	Elaboração conjunta.	Quadro, giz, caderno do aluno.
30 minutos	Mediação e assimilação	Explicação teórica	-Explica o processo de compoicao das palavras justapostas e aglutinadas.	- Participa activamente da aula, podendo ate citar palavras	Método construtivista	Quadro e giz.

				compostas que conhece. Expõe dúvidas, caso tenha.		
40 minutos	Domínio e consolidação	Actividade prática	- Escreve varias palavras simples no quadro, instruindo aos alunos a formarem o maior numero de palavras compostas, seja por aglutinação ou justaposição; - propõe que os alunos criem frases e posteriormente um texto usando as palavras formadas.	- faz a actividade proposta; - cria frases ou textos usando as palavras formadas.	Elaboração individual	Caderno do aluno, quadro e giz.
10 minutos	Controlo e avaliação	Reflexão final e síntese.	-Pede que os alunos expliquem a	Faz a síntese e elabora o sumario;	Elaboração conjunta	Caderno do aluno

			diferença entre justaposição e aglutinação; - marca o TPC.	Anota o TPC.		
--	--	--	---	--------------	--	--

Plano diário de uma aula sobre processo de composição de palavras.

Apêndice B

Escola Secundária Mártires de Mbuzine

Nome: _____ **Turma** _____ **N** _____

II Teste Escrito de Língua Portuguesa 10a classe II Trimestre 2024

Hoje não existem moças para casar

Este título não é ficção, mas sim, uma pura realidade. Ninguém pode duvidar disso, porque são coisas que acontecem no nosso dia-a-dia. Falar deste tema é falar de um "bicho de sete cabeças".

Hoje, tornou-se muito difícil encontrar uma mulher honesta, que não esconde a sua realidade. Moças de hoje não encaram o namoro como realmente deveria ser. Acham que o namoro ou casamento é uma brincadeira.

Existe muita coisa com que se pode brincar, caso algumas moças pretendam viver felizes dentro dos seus lares, isto não resta dúvida nenhuma. Eu não sei o que se passa com algumas raparigas, na rua está toda bonita, mas, em casa, não. Levantam-se da cama e logo, abrem pela rua. Quando as suas mães dizem: "minha filha, fica perto de mim aqui na cozinha, para aprenderes alguma coisa", as filhas não querem saber disso. Só gostam de assistir novelas, pintar unhas, desfrisar cabelo e ir para a curtição. Isso de pegar em panelas não é com elas!!

Algumas moças nem engomar a roupa sabem. Cozinhar? Nem isso!

De que vale um homem ter uma mulher deste tipo, mil vezes um homem ficar solteiro! É vergonhoso ver um levar uma moça para viver com ela e está só a criar dores de cabeça, pois elas não têm noção verdadeira do que é viver num lar. Talvez pensem que podem entrar e sair da casa do marido quando querem, fazerem que bem entenderem. Para mim, hoje só existem moças do tipo "alô" e não para casar.

Domingos Geraldo

1. A que gênero textual pertence o texto da sua prova?
-

2. Identifique a tese defendida no texto.

a) Apresente os argumentos que sustentam a tese.

3 Segundo o autor, como as moças de hoje tratam o namoro e o casamento?

4 Transforme as seguintes frases interrogativas directas em indirectas:

a) Qual dos livros preferes?

b) Onde você mora?

5. Complete a frase com o particípio correcto:

a) A competição foi _____ (ganhar) pelo atleta mais dedicado.

b) Ela tinha _____ (pagar) todas as contas.

6. Transforme as orações abaixo em orações reduzidas de gerúndio, particípio ou infinitivo:

a) Se você estudar bastante, passará no exame.

b) Assim que terminou a reunião, ele saiu do escritório.

c) Levantam-se da cama e logo, abrem pela rua.

7. Elabore uma composição falando/refletindo sobre os casamentos prematuros.

Anexos

Anexo a.



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS
Secção de Português

O Director Nacional Adjunto para Área de Graduação

Prof. Doutor Marlino Mubai
(Professor Auxiliar)

Exmo. Senhor Director da
ESCOLA SECUNDÁRIA MÁRTIRES DE MBUZINE
Maputo

Credencial

Certifica-se que **Lucinda Bié** é estudante da Faculdade de Letras e Ciências Sociais e frequenta a disciplina de Estágio II, no 4º ano do curso de Licenciatura em Ensino de Português. A mesma deverá apresentar-se à instituição que V.Excia. dirige para a realização do estágio na disciplina de Português.

Com os melhores cumprimentos

Maputo, 27 de Maio de 2024

A Directora de Curso

Názia Bavo

Prof.ª Doutora Názia Bavo
(Professora Auxiliar)

ESCOLA SECUNDÁRIA MÁRTIRES DE MBUZINE
Entrada N.º 45
Data 07/05/2024
Assinatura: <i>[assinatura]</i>

Anexo b.

República de Moçambique
Cidade de Maputo
Conselho dos Serviços de Representação do Estado
Serviço de Assuntos Sociais
Distrito Municipal KaMubukwana
Escola Secundária Mártires de Mbuze

Relatório de Estágio Supervisionado

A direcção da escola supracitada informa que o (a)
Lucinda Bié, realizou o Estágio
Pedagógico, entre os dias 07/06/2024 e 08/11/2024, tendo concluído
o processo com a classificação que se segue:

	Itens ponderados	Valores
1	Pontualidade	16
2	Assiduidade	17
3	Planificação conjunta e individual	18
4	Apresentação pessoal e postura	15
5	Aspecto científico ou domínios dos conteúdos	18
6	Gestão da turma	17
7	Instrução e mediação de aulas	18
8	Correcção da expressão oral e escrita dos educandos	17
9	Classificação final (Média)	18
Observação	A professora estagiária empenhou-se bastante na sua actividade de PEA, tal que o aproveitamento da turma com a qual trabalhava aumentou em 20% do que se fazia.	

Maputo, aos 15 de Novembro de 2024

O (a) professor (a) titular

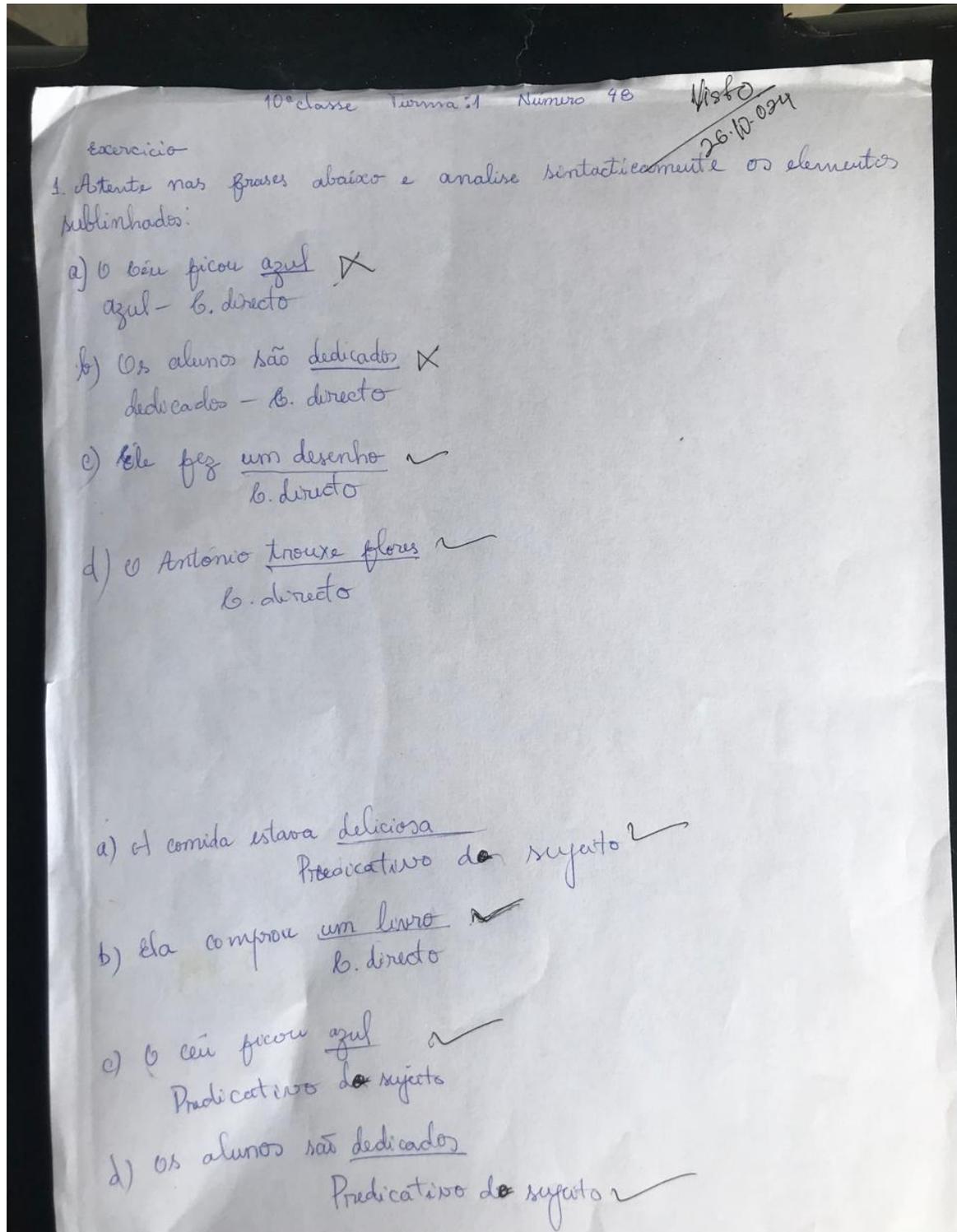
José Correia

O (a) Director (a) Adjunto da Escola

André Mica

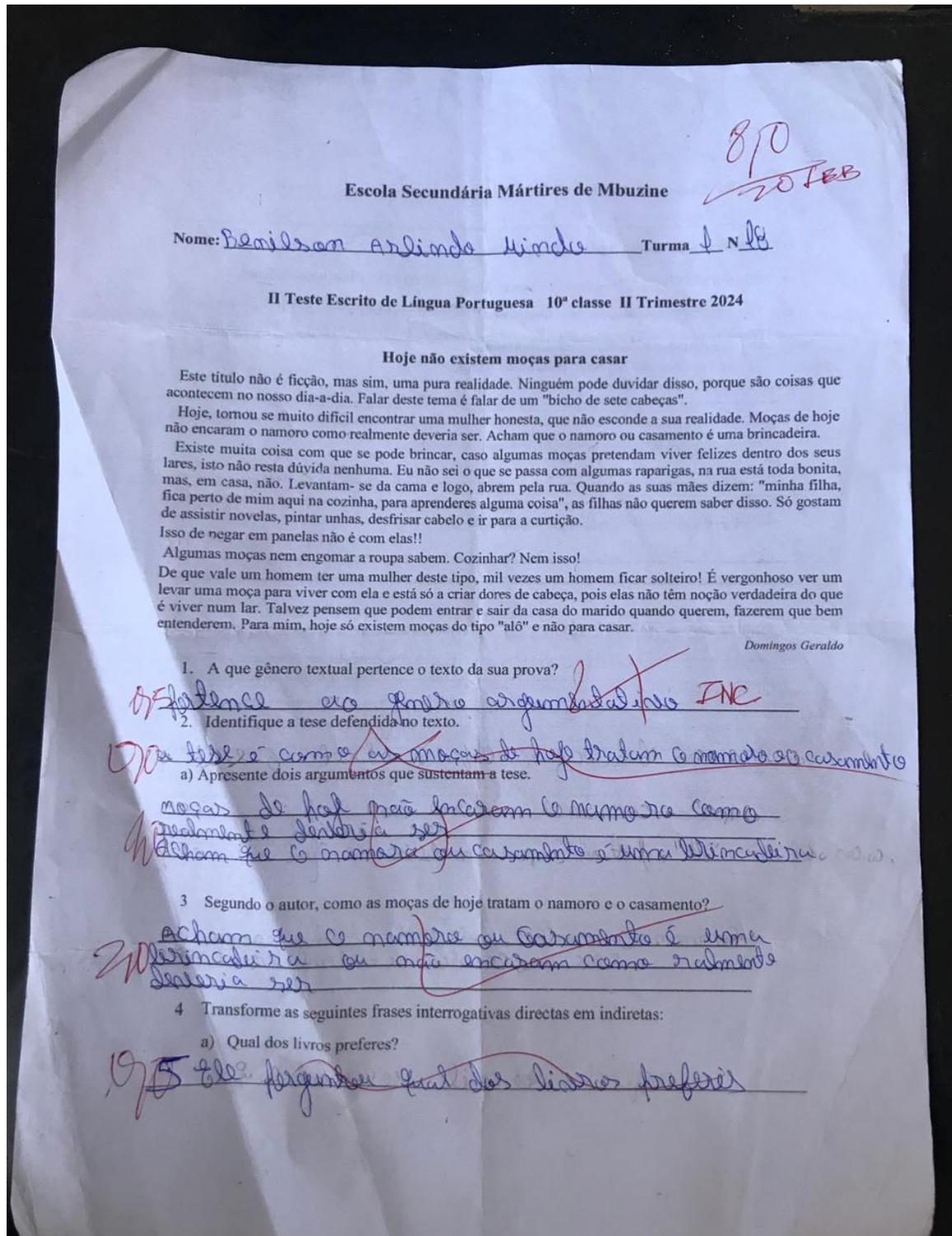


O anexo ilustra dois momentos distintos do processo de aprendizagem. Antes e depois da mediação.



Anexo d.

O anexo ilustra o desempenho insatisfatório de um aluno.



b) Onde você mora?

070 Ele perguntou onde você mora

5. Complete a frase com o participio correcto:

a) A competição foi ganhada (ganhar) pelo atleta mais dedicado.

b) Ela tinha pagado (pagar) todas as contas.

6. Transforme as orações abaixo em orações reduzidas de gerúndio, participio ou infinitivo:

a) Se você estudar bastante, passará no exame.

070 ~~se estudar bastante, passará no exame~~

b) Assim que terminou a reunião, ele saiu do escritório.

115 ~~terminada a reunião, ele saiu do escritório~~

c) Levantam-se da cama e logo, abrem pela rua.

~~levantam-se da cama logo, abrem pela rua~~

7. Faça uma composição sobre os casamentos prematuros.

Casamentos prematuros

110 Casamentos prematuros são casamentos que são feitos cedo demais, este tipo de casamento acontece mais nas zonas rurais por conta da falta de condições. Por isso, outras pais abrigam as filhas e se casarem cedo de mais para que elas possam passar pelos sustento.

Anexo e.

O anexo ilustra a prova escrita de uma aluna que mostrou bom desempenho na maioria das actividades avaliadas.

16,5
20 LEB

Escola Secundária Mártires de Mbuze

Nome: Chérisa Cristina Vindando Monjane Turma 1 N 26

II Teste Escrito de Língua Portuguesa 10ª classe II Trimestre 2024

Hoje não existem moças para casar

Este título não é ficção, mas sim, uma pura realidade. Ninguém pode duvidar disso, porque são coisas que acontecem no nosso dia-a-dia. Falar deste tema é falar de um "bicho de sete cabeças".

Hoje, tornou-se muito difícil encontrar uma mulher honesta, que não esconde a sua realidade. Moças de hoje não encaram o namoro como realmente deveria ser. Achrom que o namoro ou casamento é uma brincadeira.

Existe muita coisa com que se pode brincar, caso algumas moças pretendam viver felizes dentro dos seus lares, isto não resta dúvida nenhuma. Eu não sei o que se passa com algumas raparigas, na rua está toda bonita, mas, em casa, não. Levantam-se da cama e logo, abrem pela rua. Quando as suas mães dizem: "minha filha, fica perto de mim aqui na cozinha, para aprenderes alguma coisa", as filhas não querem saber disso. Só gostam de assistir novelas, pintar unhas, desfrisar cabelo e ir para a curtidão.

Isso de pegar em panelas não é com elas!!

Algumas moças nem engomar a roupa sabem. Cozinhar? Nem isso!

De que vale um homem ter uma mulher deste tipo, mil vezes um homem ficar solteiro! É vergonhoso ver um levar uma moça para viver com ela e está só a criar dores de cabeça, pois elas não têm noção verdadeira do que é viver num lar. Talvez pensem que podem entrar e sair da casa do marido quando querem, fazerem que bem entenderem. Para mim, hoje só existem moças do tipo "alô" e não para casar.

Domingos Geraldo

1. A que género textual pertence o texto da sua prova?
1,0 texto da prova pertence ao género expositivo-argumentativo
2. Identifique a tese defendida no texto.
0,7 A tese defendida no texto é a realidade das moças de hoje-em-dia.
a) Apresente dois argumentos que sustentam a tese.
2,0 No 2º parágrafo, no primeiro período diz o seguinte: Hoje tornou-se muito difícil encontrar uma mulher honesta... e no 4º parágrafo, no 1º período que diz: Algumas moças nem engomam a roupa sabem.
3. Segundo o autor, como as moças de hoje tratam o namoro e o casamento?
2,0 As moças de hoje tratam o namoro e o casamento como uma brincadeira.
4. Transforme as seguintes frases interrogativas directas em indirectas:
a) Qual dos livros preferes?
1,5 Ele perguntou-me qual dos livros preferia

b) Onde você mora?

1/5 Ele ~~perguntou-me onde eu morava.~~

5. Complete a frase com o particípio correcto:

- 2/0 a) A competição foi ~~ganha~~ (ganhar) pelo atleta mais dedicado.
b) Ela tinha ~~pagado~~ (pagar) todas as contas.

6. Transforme as orações abaixo em orações reduzidas de gerúndio, particípio ou infinitivo:

a) Se você estudar bastante, passará no exame.

1/0 Estudando bastante, ~~você~~ ~~passará~~ no exame.

b) Assim que terminou a reunião, ele saiu do escritório.

1/5 Terminada a reunião, ~~ele~~ ~~saiu~~ do escritório.

c) Levantam-se da cama e logo, abrem pela rua.

0/0 ~~Levantam-se da cama~~ ~~abrem~~ pela rua.

7. Faça uma composição sobre os casamentos prematuros.

4/10 Casamentos prematuros são o acto de ^{contração} ~~cumprimento~~ de matrimónio entre dois indivíduos sendo que um deles ou os dois sejam menores de idade.

Para que haja um matrimónio legal perante a lei, é necessário que os dois indivíduos tenham atingido as 18 anos, então podemos considerar que os casamentos prematuros são ilegais.

Existem várias causas desses casamentos, mas podemos destacar a gravidez (pré ou não) e/ou a pobreza.

Em algumas famílias, se uma menina engravidar sendo ela menor de idade, deve cumprir matrimónio com o engravidador, independente (mas) da idade que ele tenha, dando origem a um casamento legal.

